



O LADO PESSOAL

José Manoel, o Zé da Banca

Não basta ser artista, tem que ter estilo. E isso o Zé da Banca, o homem romântico que é fã do Roberto Carlos, tem de sobra

Mauro Ulrich
mauro@gazetadosul.com.br

Quem já o conhece, não o estranha mais. Mas fico aqui imaginando um cidadão que, pela primeira vez, entra na A Banca para comprar uma **Gazeta** e dá de cara com o Zé. O atendente trabalha há duas décadas no local, sempre bem arrumadinho, de terno e gravata, contrastando um pouco com o universo kitsch do ambiente, de produtos típicos de uma banca normal, com a venda das pu-



blicações periódicas – revistas, gibis, livros, jornais, etc. – até os atraentes artigos de tabacaria (incluindo o “essencial” Colomy).

E o Zé, ou melhor, **José Manoel de Menezes Borges**, nos recebe sempre de braços abertos, sorriso no rosto e o seu muito particular bordão: “Mas olha só quem me aparece depois de uma temporada no...”. Bem, a partir daí ele cria os mais distintos e inimagináveis destinos e encerra com um sonoro “o que vai levar hoje, baitão?”

Desta vez, no entanto, fui encontrar o meu amigo em seu “lar doce lar”, um pequeno apartamento na Júlio de Castilhos, a poucos passos do trabalho, a já citada A Banca, dos irmãos Renê e Raul Jordan, na Marechal Floriano, bem no coração da cidade. Mesmo com a proximidade, o Zé sai meia hora antes de iniciar seu turno. Há muito o que fazer pelo caminho, com quem conversar, e tal, pois que a sua popularidade se traduz nos conhecidos que encontra pela esquina. Solí-

cito, não nega conversa para ninguém. Articulado, voraz leitor de uma banca inteira, autoalfabetizado pelos gibis da Disney, domina tudo quanto é assunto, sempre muito bem informado sobre o que vai pelo País e o resto do mundo.

“O Zé é tão inteligente”, me disse uma vez um de seus amigos mais chegados, “que nunca quis casar”. Esta semana lhe perguntei sobre isso, o matrimônio, e tal, e ele me cortou na hora: “Nunca tive esta coragem”. E ponto final. O Zé só não revela uma coisa: a idade. E não tem Cristo que o convença. “Não é por vaidade, não. É por uma simples questão de privacidade. A idade diz muito sobre a pessoa. Quando me perguntam, digo que tenho 41.” E solta uma risadinha marota.

Natural de Entre Rios, veio para Santa Cruz do Sul ainda criança, junto com os pais e seus quatro irmãos – três meninos e uma menina. A esportezza e o estilo, impecáveis, ele acredita que herdou do bisavô, Pedro Mano-

el Borges, alto escalão da marinha portuguesa, e que também foi quem adquiriu as terras no interior de Vera Cruz. “Não sei direito como perdemos quase tudo, mas naquela época era assim, terras eram vendidas por pouca e qualquer coisa.” Hoje o Zé vive bem, e feliz, no seu quarto-e-sala, cercado de gravatas e sapatos. “Eu ganho muita roupa”, confessa ele. “E tudo peças de qualidade.”

Tem a sua TV, o computador, uma confortável poltrona, o fogão e uns poucos exemplares de *Os Caminhos do Vento*, livro de poemas, crônicas e pensamentos que publicou por conta e risco nos anos 70, quando ainda assinava como “José, o Pescador”. Multiartista, fã assumido e escancarado do cantor e compositor Roberto Carlos, também de forma independente gravou quatro CDs: *Cupido, Arco e Flecha; Amor Total; O Anjo da Guarda e De Volta a Santa Cruz*, tudo com arranjos e acompanhamento do maestro Miguel Be-

ckenkamp. Pergunto se ele já esteve com o Rei e ele me responde que não. “Mas já estive com o seu maestro e arranjador, o Eduardo Lages, e lhe entreguei uma fita cassete com músicas minhas e...”, faz uma pausa, olha para o chão, balançando a cabeça, meio decepcionado: “Até hoje nunca tive retorno”.

Mas Zé segue na batalha. A falta de um maior reconhecimento artístico não é nada para quem tem uma bagagem intelectual em pleno crescimento e que inclui, pela ordem, O Pato Donald, os livros de bolso todos, fotonovelas de *O Sétimo Céu*, Morris West, Agatha Christie, boa parte das bibliotecas do Sesi e Sesc, todo o acervo de A Banca, até chegar em Freud, Jung e William James. “Não estive com o Rei, mas atendia o dr. Lenio Streck na época em que eu era garçom do Garfão”, gaba-se ele, referindo-se ao famoso jurista gaúcho, natural de Agudo, que por algum tempo morou em Santa Cruz.